

ANNO DE 1816.

NUM. 65.



IDADE D'OURO DO BRAZIL.

Terça feira 13 de Agosto

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

— Sa e Miranda. —

BAHIA.

Recebemos Gazetas da Europa até 22 de Junho. Nada de memoravel. O Imperador da *Austria* vendo que o Tratado Christão das quatro Nações dava em que cuidar aos Jornalistas declarou solemnemente, que não tinha outra tenção que a de reunir as Nações Christãs por huma Alliança Sagrada debaixo dos mesmos principios de concordia, e de justiça, que o Evangelho proclama.

As noticias de *França* até ao principio de Junho representão aquelle Reino em socego; e nem o descontentamento de alguns particulares inspira o menor receio quando se considerão as grandes forças commandadas por *Wellington*, as quaes estão sempre á espreita de qualquer comoção popular. As noticias de *Santa Helena* dizem que *Bonaparte* á similhaça de *Lucullo* está dando grandes jantares; e que se occupa muito em ler. Mas de que lhe serve agora a lição? Aqui he que se pôde applicar bem o proverbio latino: *he melhor ter estudado do que estudar.*

O Jornal dos Debates traz hum discurso sobre o dia 3 de Maio tão memoravel para a *França*, cujo theor he o seguinte.

Havia vinte e dois annos que *Luiz Estanslão*, julgando que só por poucas horas se affastava do Rei seu Irmão, que não havia de tornar a vêr, sahira desse Palacio, aoa le não devia voltar senão Rei, e depois dos mais extensos e dolorosos infortunios que podem pôr á prova a constancia do homem. Desconhecido a duas gerações, voltava como o filho de *Anticléa*, que tinha visto os costumes e as cidades de muitos povos. Comparão-no tambem ao Rei de *Thebas*; porque nos livrava de outra *Esfinge*, e não se fartava a gente de admirar a sorte da moderna *Antigone*. Este Principe, que podião julgar estimulado pelas mais amargas recordações, em

vez de *Arautos*, tinha-se feito preceder por palavras de paz e esquecimento: trazia na mão esse Testamento de misericórdia que veda vingar o sangue pelo sangue. Por este signal he que elle se havia dado a conhecer; pois os Reis se dão, como os pais, a conhecer pelo perdão. Todos quantos haviam anciosos corrido ao seu encontro, voltavão penetrados de tanta magnanimidade, ou encantados de sua bondade e de suas affaveis expressões. "He o bom *Henrique IV.* depois da Liga,, dizião huns. " He civil e bem fallante como *Francisco I.*,, , acrescentavão os outros. Mas o que nunca poderá pintar-se, he a alegria, ou para melhor dizer, a embriaguez do povo: e nós mesmos que a vimos, nós que tão vivamente della participamos, onde acharemos cores assaz vivas para semelhante quadro? Bem como aquelle Pintor da Antiguidade que não podia exprimir huma inexplicavel dôr, lançarem os hum véo sobre este quadro, visto não nos acharmos com forças de o descrever; porque apenas os nossos corações bastavão a sentir os affectos que os movião. Era o festejo da *França* libertada e restituída a seu Pai, e dir-se-hia que a desgraça, já não existente, nunca existido havia. *Athenas*, libertada do sanguinolento tributo que pagava ao *Minotauro*, não manifestou mais alegria a *Theseo*. Os concertos de benções tinhão seguido o Rei desde a praia de *Calais*, onde finalmente tocara o territorio da patria, *Calais* cuja antiga fidelidade bem havia tal honra merecido. Porém todos estes festejos, a nova pompa do Oceano, todas as bandeiras que huma só cor ostentavão, todas as acclamações em fim, não erão mais que o preludio das acclamações e das festas que em *Paris* esperavão o Rei. Parecia que esta Capital encerrava em seu recinto toda a *França*. Não erão estas como aquellas pompas forçadas como a alegria que inspirão, e que não são mais que magnificos enfeites da desgraça; era o coração, a felicidade publica, quem havia ordenado os adornos, os emblemas, as janellas enfeitadas de bandeiras e de ramos; era do coração que nascião sobre tudo esses clamores, pouco antes inesperados de viva o Rei! que consolavão a sombra de *Luis XVI.*

Vio-se finalmente ir chegando o Carro em que vinhão o Rei, Madama, e o Sr. Duque de *Bourbon*: *Monsieur*, e o Sr. Duque de *Berry* precedião a cavallo o cortejo Real. Erão já estes dois Principes o idolo de *Paris*, que os havia primeiramente possuido. Não se fartavão as bocas de benções, não tinhão os olhos lagrimas bastantes para exprimir o jubilo do povo. Não se gançavão de contemplar aquella augusta frente, aquelle olhar ao mesmo tempo magestoso, vivo, e brando, aquelle sorriso tão engraçado, tão clemente, tão Real. Ao pé do Monarca, admiravão aquella Princeza miraculosamente conservada, que escapára, como o filho de *Ochosias*, ao assassinio de todos os seus; aquelle Veterano de honra *Franceza*, não menos valoroso que o Principe, e de huma fidelidade sem nodos; e por fim, o nobre e desditoso Duque de *Bourbon*, ao qual *Vincennes* não recordava remorsos, mas sim perpetua magoa. O amor dos povos da *Aquitania* detinha ainda alli aquelle que elles denominavão já seu pai, e que em breve devião chamar seu libertador.

Franqueavão-se ao mais rizonho futuro as almas atelli tão fatigadas de sofrer e recear. Não queria o Rei punir, tudo queria esquecer. Offerecia-se-lhe huma guarda d'estrangeiros; elle se confiava á dos *Francezas*: estipulava as condições de paz menos esperadas, e as obtinha. O brado de sua magnanimidade e da sua sabedoria o tinha precedido entre nós, e elle confirmava

imediatamente esta fama de sabio e de magnanimo. Releva porém dizello, esta mesma grandeza d'alma foi hum laço em que se veio prender a sua alta prudencia. Não vio o Rei mais que huma familia deparada, e talvez se esqueceo scbejantemente *daquelle reccio que he o principio da prudencia, e as vezes do amor.* As rebeliões dos *Abalões* não podião determinar este novo *David* a armat-se contra filhos ingratos. Elle nos trazia essa Carta em que estava impressa a experiencia que sabe quanto convem sacrificar aos homens e aos tempos; e, como concedia muito, ainda lhe perdião mais; como se esquecia de tudo, atreverão-se a tudo: e tão bem se houverão a ingratidão e a vileza, que quasi hião conseguindo fazer culpavel a clemencia até mesmo aos olhos daquelle que a praticava. O orgulho, cujas equivecações são muito mais amargas ainda que as do interesse, não podia perdoar áquelle que perdoava, ao passo que se curvára, sem hesitar, diante do senhor que o humilhára. Acordava, pedindo a grandes brados a revisão da Carta Real, hum daquelles mesmos que dormião, havia onze annos, embalados pela Constituição de *Buonaparte*, sem se informar se era realmente governado por esta Constituição, ou por decretos Imperiaes e Senatus-consultos, chamados *organicos*. Tanto he certo que, depois das longas revoluções que, desorientando os homens e as cousas, tem posto em confusão e desassocego os espiritos, e tornado indifferentes os corações, não se trata tanto de seguir o espirito de huma nação, como de se fazer seguir por ella; e se esta nação sahe da escravidão, precisa passar pelo temor, para se acostumar ao amor.

Sabia o Rei tudo isto infinitamente melhor que nós; porém a sua grande alma foi seduzida pela esperanza de hum triumpho sem modelo, qual era o da magnanimidade não fazendo caso das vulgares cautellas da politica; seducção bem digna de hum Neto de *Henrique IV*. E por outra parte, podião-se applicar aqui essas maximas? No meio do amor do seu povo, podia o Rei prever tanta perfidia conjurando-se contra tanta brandura? Enganou-se nisto como seu Avo: como *Henrique IV*, elle perdoou á Liga; perdoou aos *malvols traidores*, como *S. Luiz*. Imitemos hoje este generoso e Real esquecimento do passado. Não misturemos amargas recordações á grata memoria da nossa restauração. Pelo contrario, reuna este anniversario de amor, esperanza, e regosijo, o segundo, mas o primeiro que temos celebrado até os animos mais divididos, e adóce o fermento ainda mesmo dos corações mais irritados! Ah! quantos homens se julgão desunidos, que estão bem perto de facilmente se congregarem! Quando se caminha ao mesmo fim, só a má fé pode deixar de se pôr de acordo com a boa fé. Não, a augusta Princeza que esperamos não ha de achar em *França* o mal apagado fogo do *Vesuvio* e de *Solfatara* que perturbão o socego do seu formoso paiz: só ha de ouvir canções de amor e de alegria, acções de graças pelo venturoso regresso do Rei, e ánciosos desejos de vêr concluido hum hymeneo que nos assegura huma longa serie de heroes do sangue de *S. Luiz*; e ao vêr o suave governo do nosso Monarca, poderá dizer com aquella Rainha que foi visitar o mais sabio dos Reis: *Feliz o seculo que mostrou á terra tão bom Senhor! Feliz a Nação que o Ceo algum dia favececer com hum Principe que lhe seja semelhante!*

Entraraõ neste Porto as Embarcações seguintes.

Em 2 de Lisboa, o Navio Imperador Adriano, Mestre André Francisco Ma-

reira, 37 dias de viagem, carga sal-, fazendas seccas, e molhadas. Dono José Alves da Cruz Rios.

Em 3 de Gibraltar, a Galera Restauração, Mestre Ignacio José Nunes, 48 dias de viagem, carga varios generos. Dono José Antonio Rodrigues Vianna.

Em 5 do Porto, a Galera Ventura Feliz, Mestre José da Costa Pinto, 15 dias de viagem, carga varios generos. Correspondente José Martins da Silva.

Em 8 do Porto, o Bergantim Oriente, Mestre Manoel José de S. Rosa, 50 dias de viagem, carga varios generos. Dono Francisco Ferreira da Gama.

Em 8 de Bordeaux, o Bergantim Constante, Mestre Joaquim José Alves, 51 dias de viagem, carga agoa-ardente, vinho, e fazendas seccas. Consignado ao Sobre Carga Mauricio de tal.

Em 9 de Lisboa, o Bergantim Ulysses, Mestre José Gonçalves da Silva, 54 dias de viagem, carga varios generos. Dono Joaquim de Azevedo Maia.

Em 9 de S. Matheus, a Sumaca N. S. do Rozario, Mestre Joaquim Baptista, 17 dias de viagem, carga 1600 alqueires de farinha. Dono João Marques Lima.

Em 11 do Rio Grande, a Sumaca Desengano Feliz, Mestre Gonçalo José de Oliveira, 15 dias de viagem, carga 9 $\frac{1}{2}$ arrobas de carne, 500 de cebo, e 1 $\frac{1}{2}$ couros. Dono José Antonio de Siqueira Braga.

Em 11 de Caravellas, a Sumaca S. Antonio e Almas, Mestre João da Silva Souza, 3 dias de viagem, carga 1150 alqueires de farinha. Dono o mesmo Mestre.

Em 11 do Rio Grande, o Bergantim Trindade, Mestre Ignacio Pedro, 16 dias de viagem, carga 8 $\frac{1}{2}$ arrobas de carne, 500 de cebo, e 2765 couros. Dono Manoel José Teixeira.

Em 11 de Cabo de Lopo, com escalla pelas Ilhas do Principe, e de S. Thomé, a Escuna Amisale, Mestre e Dono Luiz Pereira Franco, 23 dias de viagem, carga 246 captivos, morrerão 69.

Embarcações que estão a sair.

Para Pernambuco a 14, o Bergantim Carvalho Quinto, Mestre Luiz Manoel Rodrigues Motta. Dono Manoel João dos Reis.

Para Lisboa a 18, o Brigue Eliza, Mestre José Antonio Jorge.

A V I S O S.

Vende-se huma venda, sita no beco que vai da ladeira do Balço, para a quitanda de S. Bento, quem a quizer comprar, com hum resto de effeitos que tem, ou sem elles; dirija-se a fallar com o dono, na mesma venda, que a vende por preço commodo.

Bernardo José Ferreira de Barros, vende o Rapé a 1280 a libra.

Quem quizer arrendar huma roça com boas casas nobres, e vista do mar, abaixo do Hospicio de Jerusalem; procure a Viuva de José Antonio de Araujo, nas mesmas casas, junto ao Unhão.

Com Permissam do Governo.

BAHIA: NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.